

18ª Congresso Brasileiro de Sociologia

26 a 29 de julho de 2017, Brasília (DF)

GT 17 Sociologia da Arte

O trabalho do artista: Investigação social das relações de trabalho na produção musical contemporânea e do mercado de trabalho do músico em São Luís/MA.

Paulo F. Keller

Departamento de Sociologia e Antropologia

Universidade Federal do Maranhão

Resumo: Nossa pesquisa parte de uma problematização da condição laboral do artista na sociedade capitalista contemporânea. Delimitamos como nosso objeto de investigação os trabalhadores do campo da música na cidade de São Luís - Maranhão. Consideramos que as expressões artístico-musicais resultam de processos de trabalho e de produção que implicam relações de trabalho e de profissão específicas. Nossas questões centrais de pesquisa indagam sobre: Qual a natureza do trabalho artístico? Quais as especificidades do trabalho artístico musical? Quais as condições de trabalho dos músicos? Como ocorrem as relações de trabalho no interior dos processos de produção de música? De forma os músicos se inserem no mercado de trabalho? Consideramos o campo da música um espaço vasto e heterogêneo que envolve diversas formas de trabalho. Estas diversas formas de trabalho podem ser pensadas interagindo dentro de um arranjo produtivo (criativo) da música. Neste arranjo da música temos interesse de pesquisa nas relações dos trabalhadores do núcleo criativo (compositor; arranjador; intérprete – cantor; e, instrumentista) com empresários, produtores, produtoras e seus fornecedores, com as mídias, com a indústria fonográfica, e com a gestão de direitos. Nosso objetivo é lançar um olhar sociológico sobre as relações de trabalho dos profissionais da música. Iremos focar a dinâmica destas relações inseridas tanto em arranjos socioeconômicos e institucionais quanto em redes de cooperação de trabalho.

Introdução

Nosso trabalho traz uma contribuição aos debates do GT Sociologia da Arte a partir de reflexões teóricas e de dados empíricos preliminares de pesquisa que se encontra em sua fase inicial no Departamento de Sociologia e Antropologia da UFMA: “O trabalho do artista: Investigação social das relações de trabalho na produção musical contemporânea e do mercado de trabalho do músico em São Luís – MA”.

Nosso tema é o trabalho e a produção da arte musical na sociedade capitalista contemporânea. Nossa pesquisa parte de uma problematização da condição laboral do artista na sociedade capitalista contemporânea. Nosso objetivo geral é problematizar e investigar as condições e as contradições do trabalho e da produção de arte musical na sociedade contemporânea a fim de compreender as transformações do mundo do trabalho no âmbito da arte e da cultura.

Em nossa investigação temos interesse em olhar as especificidades e peculiaridades do trabalho artístico musical, as condições laborais dos profissionais da música, as dinâmicas de seu mercado de trabalho e as lutas e contradições do mundo do trabalho artístico musical. Nossas questões centrais de pesquisa indagam sobre: Qual a natureza do trabalho artístico? Quais as especificidades do trabalho artístico musical? Quais as condições de trabalho dos músicos (as)? Como ocorrem as relações de trabalho no interior dos processos de produção de música? De forma os músicos (as) se inserem no mercado de trabalho?

Dentro da inserção do músico (a) no mercado de trabalho queremos focar a sua luta pelo reconhecimento de sua produção artística (reconhecimento profissional) e pela sobrevivência financeira (busca de salário e renda). Pensando os profissionais da música inseridos em redes de produção musical integradas em cadeias da música e partes das indústrias da cultura e criativa no capitalismo contemporâneo. Em nossa abordagem o objeto artístico musical tem diversas dimensões: estéticas e culturais, socioeconômicas e políticas.

Nossa investigação das relações laborais na produção da música pretende fazer uma crítica da fetichização da música e de sua lógica capitalista.

No mercado de consumo as mercadorias musicais surgem padronizadas e atrativas ao consumo. Na sociedade capitalista dentro de sua lógica de valorização, a música assume o seu caráter fetichista. Assim, buscamos compreender a produção da arte musical e as condições sociais de seus produtores. Olhando a dupla busca do profissional da música: pelo reconhecimento e pela sobrevivência.

Delimitamos como nosso objeto de investigação os trabalhadores (músicos) do núcleo criativo do campo da música em São Luís do Maranhão. Nosso foco de pesquisa são os músicos (ou músicas no gênero feminino) aqueles que atuam diretamente na produção musical: músicos autores, compositores e arranjadores, interpretes cantores e instrumentistas, regentes e musicólogos. Temos interesse em investigar os trabalhadores que atuam no núcleo criativo do arranjo da música ao lado de produtores e empresários como parte do arranjo – criativo e produtivo – da música.

Nossa investigação adota uma estratégia metodológica que busca uma forma de triangulação de saberes das ciências sociais. Pelas especificidades de nosso objeto de investigação (trabalho artístico musical) com suas dimensões e múltiplas determinações, iremos inter-relacionar conhecimentos da sociologia do trabalho e da sociologia da arte e da cultura, e da sociologia da música, desenvolvendo, assim, no sentido de Howard Becker, uma forma de sociologia do trabalho artístico. Utilizamos metodologias qualitativas e quantitativas e buscamos conjugar os métodos da pesquisa bibliográfica, da pesquisa documental, da análise estatística, da amostragem, da observação direta e da entrevista.

A pesquisa está sendo desenvolvida no âmbito das atividades do Grupo de Estudos e Pesquisas Trabalho & Sociedade (Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais / UFMA) e das pesquisas do Observatório do Mercado de Trabalho do Maranhão (Convênio MTE/UFMA).

Sobre a arte e o trabalho artístico

Partimos de uma perspectiva sócio antropológica da arte no sentido de olhar para a arte para além da cultura ocidental e do moderno sistema de arte. Para o antropólogo Franz BOAS: “De uma forma ou de outra, o prazer estético é sentido por todos os membros da humanidade”; além de que: “Todas as atividades humanas podem assumir formas que dão a elas valores estéticos”, afirmou em sua obra “Arte Primitiva” (2014, p. 13).

Já GEERTZ (2007) fala de arte como um *sistema cultural*, reconhece que “é difícil falar de arte. Pois a arte parece existir em um mundo próprio, que o discurso não pode alcançar” (p.142). Contudo GEERTZ (2007) reconhece como sendo mais importante destacar é o fato de que:

Só no Ocidente e talvez só na Idade Moderna, surgiram pessoas (ainda uma minoria que, suspeitamos, está destinada a permanecer minoria) capazes de chegar à conclusão de que falar sobre arte unicamente em termos técnicos, por mais elaborada que seja esta discussão, é suficiente para entendê-la, e que o segredo total do poder estético se localiza nas relações formais entre sons, imagens, volumes, temas ou gestos (2007, p.145).

GEERTZ ressalta que: “em qualquer sociedade, a definição de arte nunca é totalmente intra-estética; na verdade, na maioria das sociedades ela é só marginalmente intra-estética”. Sendo que o processo de atribuição de significado cultural aos objetos de arte sempre é local (GEERTZ, 2007, p. 146).

Em nossa perspectiva a arte constitui-se, primeiro, como uma atividade e um processo humano, pensado ou espiritualmente concebido, que envolve pensamento, imaginação, intuição, emoção, representação de imagens, seleção e escolha de elementos, voluntário e ordenado e que se substancia em uma obra (*opus*) ou em uma ação (*actio*) (CUNHA, 2003).

A arte, portanto, determina-se pela criação de uma forma ou estrutura física artificial, na qual se fundem conteúdos psíquicos e intelectuais de ordem subjetiva, envolvidos, no entanto, pela objetividade do mundo sócio cultural (CUNHA, 2003, p.39).

Em segundo, consideramos a arte como um fenômeno social que sofre influências das relações materiais e produtivas da sociedade. O artista, ou qualquer outro trabalhador criativo, está condicionado pelos progressos técnicos da arte, pela sua organização e pela divisão social do trabalho vigente. A arte e seus produtos trazem consigo diversos valores e significados socioculturais (CUNHA, 2003).

Os objetos/produtos de arte são bens simbólicos que têm a natureza de serem realidades de dupla face: “mercadorias e significações, cujo valor propriamente simbólico e o valor mercantil permanecem relativamente independentes” (BOURDIEU, 1996, p.162).

A obra de arte é uma mercadoria na sociedade atual, sendo até objeto de especulação no mercado de arte contemporâneo. Para Godbout (1999) a obra de arte não é apenas uma mercadoria e trata-se de uma “estranha mercadoria” (p.101). Godbout (1999) define o *tipo ideal* de artista (no sentido weberiano) a partir de determinadas características.

A primeira característica que distingue o artista dos demais produtores é o fato que ele se dedica inteiramente ao produto sem preocupar-se com a clientela. Para Godbout (1999) “o artista quer realizar o sonho de todo produtor: fabricar um produto numa total independência em relação ao cliente” (p.102).

Para Godbout (1999, p. 102) trata-se não apenas de uma característica principal, mas também sua condição de existência: “o verdadeiro artista não atende a uma encomenda de clientes”. Por outro lado, o cliente (comprador-consumidor) não pode modificar o produto, “deve respeitá-lo”.

A segunda característica do mito do artista, apontada por Godbout (1999, p. 103), aponta a extrema importância atribuída ao próprio processo de produção e sobretudo ao vínculo entre o produto e o produtor, onde se dá importância ao modo como o produto foi feito e ao estado de alma de quem o produziu.

Em contraste e oposição com a forma de produção moderna capitalista (sistema de máquinas) onde se insiste que o sistema produz “sozinho”, ou seja, independente do produtor.

Já na terceira característica, aponta Godbout (1999, p. 103), no sistema artístico produtor e cliente não se distinguem de forma habitual. Neste sistema “o cliente compartilha os valores do produtor” (...). “Apraz-lhe pensar que, ao adquirir uma “ obra” (nem mesmo se fala de produto), ele está participando de algum modo da comunidade dos artistas. Por isso deve respeitar a obra e seu autor, ou seja, não tratar a obra como um produto”. Para Goudbout (1999) esta característica não se aplica apenas ao produtor-cliente, mas também a todos intermediários (p.103).

Assim a busca ou luta pelo reconhecimento profissional é cheia de contradições. O labor artístico musical envolve imaginação e criatividade dentro de um ambiente social e (idealmente) sem uma preocupação com gosto do público cliente.

Para BOUDIEU (1996) o *processo de especialização da arte* no mundo moderno levou ao aparecimento de dois modos de produção e de circulação que obedecem a lógicas inversas:

- Uma produção de obras “puras”, a economia anti-“econômica” da arte pura, baseada no reconhecimento dos valores do desinteresse e da denegação do lucro “econômico” de curto prazo; e,
- Uma produção cultural destinada ao mercado dentro de uma lógica “econômica” das indústrias artísticas e culturais – comércio dos bens culturais (BOURDIEU, 1996, p.162/163).

Para Theodor Adorno (1986) a Sociologia da arte deve abranger todos os aspectos da relação entre arte e sociedade (p.108). O ideal da Sociologia da arte “seria confrontar análises objetivas, i.é, análises dos mecanismos das obras junto com análises dos mecanismos estruturais e dos mecanismos específicos de atuação, com análises dos dados subjetivos registráveis” (ADORNO, 1986, p.110).

Assim, para Adorno (1986) uma análise objetiva da arte (produtor-produto-cliente), deve levar em conta os conteúdos da obra assim como seu contexto social, buscando compreender como a arte se situa socialmente e como a sociedade se objetiva nas obras de arte (p.114). A obra de Theodor Adorno está

marcada pela convicção de que a análise sociológica da arte não deve separar a forma estética do conteúdo – a teoria musical e a teoria social.

A obra de Adorno traz a questão da mudança na função da música na sociedade capitalista. Altera-se a relação arte e sociedade com a subjugação do valor de uso estético ao valor de troca (arte mercadoria). O capitalismo transforma a obra de arte em mercadoria (mercadorias musicais).

As principais contribuições da obra de Norbert ELIAS (1995, p. 32/34) será no sentido de pensar a questão da busca da autonomia do artista. A partir da análise da trajetória social de Mozart e de sua decisão de se tornar um artista autônomo, Elias levanta a questão do lugar do músico na estrutura social, a questão do músico artesão, assalariado oficial e do artista livre dentro de um mercado livre. Em busca de reconhecimento e de autonomia artística e financeira.

O trabalho de Howard BECKER (2010) nos traz contribuições importantes para nossa investigação por pensar a arte como uma ação coletiva e apontar para *a rede de atividades coordenadas* que envolve todo trabalho artístico. BECKER (2010) argumenta que é preciso primeiro olhar para as artes com o objetivo de criar problemáticas de investigação. BECKER vê a arte de forma coletiva e plural quando afirma que:

Os mundos das artes são constituídos por todas as pessoas cujas atividades são necessárias à produção de obras que esse mundo, bem como outros, define como arte (BECKER, 2010, p.54)

A partir das reflexões teóricas de BECKER (2010) damos ênfase em nossa investigação ao elenco de personagens que integram as redes de atividades laborais que formam o mundo do trabalho artístico musical.

As condições sociais do trabalho artístico

Após ver contribuições de autores da Antropologia e da Sociologia das Artes é importante ver contribuições de autores da Sociologia do trabalho a fim de construir uma Sociologia do trabalho artístico. Para pensar as atividades

artísticas no campo da Sociologia do Trabalho no Brasil, destacamos os estudos e pesquisas de Liliana SEGNINI (2006, 2007, 2011, 2014).

Para SEGNINI (2007) o trabalho do artista “significa ao mesmo tempo – expressão artística (criação ou interpretação), e, realização de um trabalho, exercício de uma profissão” (p. 2). Seu estudo analisou as formas que assumem as relações salariais em duas orquestras reconhecidas como referências prestigiosas em seus respectivos países – Brasil e França. A autora ressalta que:

O trabalho do artista é frequentemente analisado privilegiando-se sua performance ou obra (...). No entanto, as relações de trabalho e profissionais, implícitas nestes processos, são pouco analisadas e contextualizadas (SEGNINI, 2006, p.321).

SEGNINI (2006) considera importante estar atento para as múltiplas singularidades nos processos de produção de arte e alerta que “são vastos e heterogêneos os espaços e as formas de trabalho do artista músico” (p. 321). Nos interessa em particular determinadas dimensões destacadas por SEGNINI (2011, p. 177) em sua análise do mercado de trabalho no campo da música: aspectos da expansão da música enquanto campo econômico; o reduzido número de trabalhadores protegidos pela legislação em vigor, considerado formal no Brasil, e as múltiplas formas de trabalho intermitente; e, o crescimento de músicos cooperados e produtores.

Os resultados das pesquisas de SEGNINI (2011) apontam para “o crescimento da relevância do trabalho artístico nas economias nacionais e para a diversificação e intensificação das formas de procura por trabalho, por parte dos artistas, em um mercado cada vez mais competitivo, no qual vivenciam relações de trabalho predominantemente intermitentes” (p.178).

O crescimento da participação de produtores profissionais na venda do trabalho artístico (ou dos esforços dos próprios artistas para produzirem seus espetáculos), bem como a associação em cooperativas, constituem novas formas de trabalho observadas no campo da música (SEGNINI, 2011, p.178).

Os trabalhos de SEGNINI (2011, 2014) assim como os de COLI (2006) apontam para um processo de precarização dos trabalhos dos profissionais no campo da música lírica e erudita. Assim se faz importante indagamos sobre as condições de trabalho dos músicos populares aqueles mais precarizados.

Para CROCCO (2014): “Atualmente, os poucos e importantes estudos realizados sobre o trabalho musical evidenciam a decomposição até mesmo dos seus laços e vínculos mais consistentes no campo lírico e erudito” (p.19). Assim, o processo global de deterioração das relações de trabalho atinge uma categoria historicamente considerada flexível e suscetível à precariedade (CROCCO, 2014, p. 19).

Consideramos o campo da música um espaço vasto e heterogêneo que envolve diversas formas de trabalho que podem ser pensadas interagindo dentro de um arranjo produtivo (criativo) da música (MINC, 2012, p.25).

Neste arranjo da música temos interesse de pesquisa nas relações dos trabalhadores do *núcleo criativo* com empresários, produtores, produtoras e seus fornecedores, com as mídias, com a indústria fonográfica, e com a gestão de direitos.

FIGURA 3: Arranjo produtivo da música



Fonte: MINC, 2012, p. 25.

O núcleo criativo do arranjo produtivo da música é formado pelos seguintes trabalhadores: o compositor; o arranjador; o intérprete – cantor; e, o instrumentista. O arranjo produtivo da música ainda compreende as instituições culturais, os centros educacionais e as associações profissionais como importantes atores sociais neste campo artístico (Figura 03).

Nosso objetivo é lançar um olhar sociológico sobre as relações de trabalho dos profissionais da música com foco na dinâmica destas relações inseridas tanto em arranjos socioeconômicos e institucionais quanto em redes de cooperação de trabalho. BECKER (2010, p. 27) destacou a *cooperação* – importante em todos os processos de trabalho – em particular nos processos de produção dos diversos mundos artes:

Todo trabalho artístico, tal como toda atividade humana, envolve atividade conjugada de um determinado número, normalmente um grande número, de pessoas. É devido à cooperação entre estas pessoas que a obra de arte que observamos ou escutamos acontece e continua a existir.

MENGER (2005) em seu “Retrato do Artista enquanto Trabalhador: Metamorfoses do capitalismo” fez uma análise sociológica da arte como trabalho e apresenta o trabalho artístico como uma referência para o estudo das formas contemporâneas de trabalho, destacando a precarização, a flexibilidade e os múltiplos trabalhos. Para MENGER (2005) os campos das profissões artísticas constituem verdadeiros laboratórios de flexibilidades com seu mercado de trabalho incerto, inseguro, informal, desregulamentado e precário.

Para este autor: “O auto-emprego, o *free-lancing* e as diversas *formas atípicas de trabalho* (intermitentes, tempo parcial, vários cachês) constituem as formas dominantes da organização do trabalho nas artes” (MENGER, 2002, p.68 *apud* SEGNINI, 2006, p. 321). SEGNINI (2007, p.20) também ressalta que a: “Heterogeneidade na vivência das formas instáveis de trabalho é a características central do mercado de trabalho artístico”.

Neste contexto socioeconômico das artes (capitalismo flexível) onde prevalecem formas de trabalho não assalariada, auto-emprego, o *free-lancing* e diversas formas atípicas do trabalho (intermitência e tempo parcial, etc.)

percebemos que ocorre um abandono da dimensão laboral com ênfase na figura do empreendedor artístico-cultural.

Olhando para esta realidade social dos artistas contemporâneos indagamos em especial sobre: Quais os tipos de contrato de trabalho predominantes no mercado de trabalho da música em São Luís - MA? De que forma os músicos vivenciam os dilemas e contradições do trabalho artístico que busca o reconhecimento profissional tendo que gerir uma situação de precariedade e de incerteza/instabilidade? Em que medida as políticas neoliberais com o novo espírito do capitalismo e a privatização da cultura forçam os artistas/músicos a se tornarem *artistas empreendedores* em uma forma de precarização de si (trabalho por conta própria ou trabalho autônomo – produção independente – coletivos de músicos independentes)?

A escolha desta temática se baseia na relevância social do *trabalho artístico cultural* na Cidade de São Luís – MA. Cidade que é Patrimônio Cultural Mundial pela UNESCO (1997) envolvendo os patrimônios artísticos e culturais de natureza material e imaterial. Entre os bens imateriais ou intangíveis destacamos as expressões artísticas culturais do Tambor de Crioula e do Bumba meu boi que envolvem a música, a dança, a percussão, os festejos populares e o artesanato - formando um complexo social cultural dinâmico.

Em nossa perspectiva as atividades artísticas culturais estão interligadas tanto ao arranjo produtivo do turismo (e do artesanato) quanto ao complexo arranjo das relações artístico culturais populares na Cidade de São Luís do Maranhão. Assim, nossa pesquisa aponta a relevância social do trabalho artístico cultural na cidade que é Patrimônio Mundial da Humanidade; e a importância de dar maior visibilidade, entendimento e explicação para a condição laboral da atividade artística (em particular dos músicos) dentro uma cidade e de um Estado tão rico em manifestações e expressões artísticas em diversas áreas como a literatura, a música, a dança, entre outras.

Nossa pesquisa visa contribuir para a construção de conhecimentos nesta área de estudos e para *construção de políticas públicas* voltadas para a questão do trabalho em particular do *trabalho artístico e cultural* e também de políticas públicas voltadas para a cultura em particular da economia cultural e criativa.

As reflexões teóricas iniciais, fruto da investigação exploratória – bibliográfica e documental – contribuem para nortear todo o processo de coleta e análise de dados estatísticos das ocupações artístico musical em suas dinâmicas de trabalho e emprego no mercado nacional e maranhense.

Dados estatísticos levantados por SEGNINI (2014) referente aos profissionais do Grupo “Profissionais dos espetáculos e das artes” (CBO 2002) no Brasil em 2011 apontam para uma “reduzida participação no trabalho protegido por direitos sociais e a predominância do trabalho autônomo e por conta própria, progressivamente submetido à intensa concorrência entre os pares” (SEGNINI, 2014, p.78).

A Tabela 01 abaixo extraída do trabalho de SEGNINI (2014) mostra uma comparação entre os ocupados no Brasil, os ocupados no grupo profissionais dos espetáculos e das artes e os ocupados em música, por posição na ocupação. Nesta tabela se destacam os grupos dos músicos autônomos (94%) e dos que atuam por conta própria (70%) e a reduzida participação dos que atuam na formalidade ou com carteira (apenas 4%).

TABELA 1
Comparação entre ocupados no Brasil, profissionais dos espetáculos e das artes e músicos, por posição na ocupação (Brasil, 2011)

| Posição na ocupação | Ocupados no Brasil | % | Profissionais dos espetáculos e das artes | % | Músicos | % |
|---------------------|--------------------|----|---|----|---------|----|
| Formal | 42.923.215 | 46 | 57.845 | 8 | 5.661 | 4 |
| Autônomos | 33.680.691 | 36 | 615.196 | 87 | 119.728 | 94 |
| Sem carteira | 14.015.804 | 15 | 112.985 | 16 | 30.841 | 24 |
| Conta própria | 19.664.887 | 21 | 502.211 | 71 | 88.887 | 70 |

Fonte: IBGE/PNAD. Elaboração própria.

Na Classificação Brasileira de Ocupações – podemos encontrar os profissionais da música (com seus códigos e famílias ocupacionais) que aparecem no Grande Grupo 2: Profissionais da Ciências e da Artes (262 – Profissionais de espetáculos e das artes). Estes códigos estão sendo utilizados no levantamento estatístico nos bancos de dados.

262 PROFISSIONAIS DE ESPETÁCULOS E DAS ARTES (CBO 2010)

2621 Produtores artísticos e culturais

2622 Diretores de espetáculos e afins

2623 Cenógrafos

2624 Artistas visuais, desenhistas industriais e conservadores restauradores de bens culturais

2625 Atores

2626 Músicos compositores, arranjadores, regentes e musicólogos

2627 Músicos intérpretes – cantor (erudito e popular) / Músicos intérprete - instrumentista (erudito e popular)

2628 Artistas da dança (exceto dança tradicional e popular)

2629 Designer de interiores de nível superior

Fonte: CBO (MTPS, 2010)

Atualmente estamos dando início ao trabalho de campo utilizando os métodos da observação direta do trabalho e da produção musical e planejando a realização de uma série de entrevistas (semiestruturadas e intensas) com músicos selecionados em São Luís - MA. Planejamos construir ao longo da pesquisa uma *amostra representativa* dos músicos e das formas de trabalho predominantes no campo da música em São Luís e no Maranhão.

Nossa amostra para uma investigação qualitativa busca ser representativa das características do universo dos músicos, estando atento às seguintes características principais: 1- posição na ocupação (formal – assalariado com carteira; sem carteira; autônomos; conta própria); 2 – corte geracional (músicos veteranos; músicos em início de carreira, e, em específico, músicos recém graduados em artes no início de carreira); 3 – corte de gênero (fazer música a partir da experiência de vida do homem e da mulher); 4- diversidade de estilos musicais – estando atento para a diversidade da cultura musical maranhense.

Dados estatísticos dos profissionais da música em São Luís e no Maranhão levantados recentemente no banco de dados da RAIS 2015 (trabalhadores formais) indicam um total 446 profissionais das artes e do espetáculo no Maranhão sendo 115 profissionais da música no Maranhão com 66 deles na capital.

Tabela 1: PROFISSIONAIS DA MÚSICA - MA - 2015

| Código CBO/MTE - Ocupação | Maranhão | | São Luís | |
|---|------------|-------------|-----------|-------------|
| | Número | Em % | Número | Em % |
| 2349-15 Professores de música, artes e drama do Ensino Superior | 16 | 13,91% | 07 | 10,60% |
| 2626 Músicos compositores, arranjadores, regentes e musicólogos | 44 | 38,26% | 12 | 18,18% |
| 2627 Músicos intérpretes | 55 | 47,82% | 47 | 71,21% |
| Total | 115 | 100% | 66 | 100% |

Fonte: RAIS 2015

Tabela 2: PROFISSIONAIS DO ESPETÁCULO E DAS ARTES – MA - 2015

| Código CBO/MTE - Ocupação | Maranhão | | São Luís | |
|--|------------|-------------|------------|-------------|
| | Número | Em % | Número | Em % |
| 2612 Produtores de espetáculos | 50 | 11,21% | 32 | 12,45 |
| 2622 Diretores de espetáculos e afins | 14 | 3,13% | 5 | 1,94 |
| 2623 Cenógrafos | 54 | 12,10% | 35 | 13,61 |
| 2624 Desenhistas industriais (designers), escultores, pintores e afins | 177 | 39,68% | 92 | 35,79 |
| 2626 Músicos compositores, arranjadores, regentes e musicólogos | 44 | 9,86% | 12 | 4,66 |
| 2627 Músicos interpretes | 55 | 12,33% | 47 | 18,28 |
| 2628 Coreógrafos e bailarinos | 52 | 11,65% | 34 | 13,22 |
| Total | 446 | 100% | 257 | 100% |

Fonte: RAIS 2015

Tabela 3: ATIVIDADES NO CAMPO DAS ARTES - MA - 2015

| Código CNAE/IBGE - Ocupação | Maranhão | | São Luís | |
|--|------------|-------------|-----------|-------------|
| | Número | Em % | Número | Em % |
| 9001-9 Artes cênicas, espetáculos e atividades complementares | 118 | 96,72 | 96 | 96,96 |
| 9003-5 Gestão de espaços para artes cênicas e outras atividades artísticas | 04 | 3,27 | 03 | 3,03 |
| Total | 122 | 100% | 99 | 100% |

Fonte: RAIS 2015

Conforme apontam os dados do IBGE/PNAD (2011) dos ocupados no Brasil apresentados por SEGININI (2014) apenas 4% dos músicos e 8% dos profissionais das artes e do espetáculo estão ocupados com contrato formal de trabalho com registro em carteira no mercado de trabalho, e, com 87% dos profissionais das artes e do espetáculo e 94% dos músicos atuando de forma autônoma. Assim podemos projetar um universo parcela significativa de profissionais da música em São Luís e no Estado do Maranhão que atuam de forma autônoma, por conta própria ou sem carteira.

As primeiras entrevistas com músicos instrumentistas e outros músicos apontam uma situação de instabilidade e de precariedade do trabalho. Os primeiros relatos foram obtidos com músicos instrumentistas que estão organizando e liderando fóruns de debates sobre condições de trabalho e direitos dos músicos no intuito de formar uma associação ou sindicato de músicos em São Luís-MA. Os relatos dos músicos instrumentistas indicam situações de inadimplência dos contratantes do serviço artístico-musical e pagamentos com valores baixos (sem atualização do valor dos cachês).

Considerações finais

Nossa comunicação de pesquisa procurou trazer uma reflexão sobre a questão laboral no campo artístico musical, e trazer, ainda de forma preliminar, uma análise dos primeiros dados (primários e secundários) a fim de contribuir para o desenvolvimento de estudos e pesquisas do trabalho e do mercado de trabalho no campo artístico musical, em específico no contexto dos estudos da economia da cultura e da economia criativa, e, para, sobretudo, trazer maior conhecimento da realidade social do trabalho artístico e técnico no campo artístico e cultural em São Luís – MA.

Referências

ADORNO, Theodor. O fetichismo da música e a regressão da audição. In: BENJAMIN, W.; HORKHEIMER, M.; ADORNO, T.W.; HABERMAS, J. *Textos escolhidos*. São Paulo: Abril Cultural, 1980 [Coleção “Os Pensadores”].

_____. A Indústria Cultural. In: COHN, Gabriel (org.) *Theodor W. Adorno – Sociologia*. São Paulo: Ática, 1986.

_____. *Introdução à Sociologia da Música – Doze preleções teóricas*. São Paulo: Editora UNESP, 2011 (Epílogo – Sociologia da Música).

_____. Teses sobre a Sociologia da Arte. In: COHN, Gabriel (org.) *Theodor W. Adorno – Sociologia*. São Paulo: Ática, 1986.

_____. Sobre Música Popular. In: COHN, Gabriel (org.) *Theodor W. Adorno – Sociologia*. São Paulo: Ática, 1986.

ALAMBERT, Francisco. Arte como mercadoria. In: WILLIAMS, Raymond. *Palavras-chave: um vocabulário de cultura e sociedade*. São Paulo: Boitempo, 2007.

BECKER, Howard S. Arte como Ação Coletiva. In: *Uma Teoria da Ação Coletiva*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1977.

BECKER, Howard S. *Mundos da Arte*. Lisboa: Livros Horizonte, 2010.

BOAS, Franz. *Arte Primitiva*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

BOURDIEU, Pierre. Ar regras da arte: *Gênese e estrutura do campo literário*. São Paulo: Cia das Letras, 1996.

BRASIL – MTE. *Classificação Brasileira de Ocupações: CBO – 2010*. 3a ed. Brasília-DF: MTPS/SPPE, 2010.

BRASIL - MINISTÉRIO DA CULTURA. *Cultura em números: anuário de estatísticas culturais*. 2ª.ed. Brasília: MinC, 2010.

_____. *Plano da Secretaria da Economia Criativa: Políticas, diretrizes e ações, 2011-14*. Brasília, MinC, 2012.

- CANCLINI, Nestor. G. *A Produção Simbólica: Teoria e Metodologia em Sociologia da Arte*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979
- COLI, Juliana. A precarização do trabalho imaterial: O caso do cantor do espetáculo lírico. In: ANTUNES, Ricardo (org.) *Riqueza e Miséria do Trabalho do Brasil*. São Paulo: Boitempo, 2006.
- CROCCO, Fábio L.T. Condições e contradições da atividade artística: Um estudo sobre os profissionais da música e seus representantes coletivos no Brasil e em Portugal. Marília – SP: Tese de doutorado – UNESP, 2014.
- CUNHA, Newton. *Dicionário SESC: A linguagem da cultura*. São Paulo: Perspectiva: SESC São Paulo, 2003.
- DIEESE. Estudo sobre o mercado de trabalho na cadeia produtiva da Economia Criativa em Curitiba. São Paulo: DIEESE/PMC, Outubro de 2014.
- ELIAS, Norbert. *Mozart, sociologia de um gênio*. Rio de Janeiro: Zahar, 1995
- GEERTZ, Clifford. A arte como sistema cultural. In: *O Saber Local: Novos ensaios em antropologia interpretativa*. 9ª.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- GODBOUT, Jacques. O espírito da dádiva. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1999.
- GREFFE, Xavier. *Arte e Mercado*. São Paulo: Iluminuras: Itaú Cultural, 2013.
- IBGE. *Sistema de Informações e Indicadores Culturais – 2007/2010*. Rio de Janeiro: IBGE/MinC/MPOG, 2013 (Estudos e Pesquisas IDSE N. 31).
- IBGE. *“Perfil dos estados e dos municípios brasileiros: cultura: 2014”*. IBGE - Coordenação de População e Indicadores Sociais. Rio de Janeiro: IBGE, 2015.
- LIPOVETSKY, Gilles & SERROY, Jean. *A estetização do mundo: Viver na era do capitalismo artista*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- MARX, Karl. *O Capital: Crítica da Economia Política*. São Paulo, Abril Cultural, 1983.
- MENGER, Pierre-Michel. *Artists as workers? Theoretical and methodological challenges*. Elsevier. Poetics 28 (2001) 241-254.

_____ *O retrato do artista enquanto trabalhador: metamorfoses do capitalismo*. Lisboa: Roma, 2005.

SEGNINI, Liliana R.P. Acordes dissonantes: assalariamento e relações de gênero em orquestras. In: ANTUNES, Ricardo (org.) *Riqueza e Miséria do Trabalho do Brasil*. São Paulo: Boitempo, 2006.

_____ *Criação rima com precarização: Análise do Mercado de Trabalho artístico no Brasil*. Paper apresentado ao GT 29 – Congresso Brasileiro de Sociologia, 2007.

_____ *Os músicos e seu trabalho*. Tempo Social – Revista de Sociologia da USP, V.25, N.1, Junho de 2014.

UNCTAD. Creative Economy Report 2008. Geneva, Switzerland: United Nations - UNCTAD/UNDP, 2008.

WEBER, Max. *Os Fundamentos Racionais e Sociológicos da Música*. São Paulo: EdUSP, 1995.

WOLFF, Janet. *A produção Social da Arte*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

WU, Chin Tao. *A privatização da cultura*. São Paulo: Boitempo, 2006.

ZOLBERG, Vera L. *Para uma Sociologia das Artes*. São Paulo: SENAC, 2006.